



DIEGO VARGAS/REUTERS

mento global e o El Niño. O outono e o inverno deste ano no Brasil podem ter temperaturas de 2 a 4°C acima da média histórica, preveem cientistas com base em dados da agência climática americana (NOAA) e da Universidade Columbia (EUA). “Vamos ter um outono, principalmente nas primeiras duas semanas de maio, com a temperatura excepcionalmente acima da média. Tem modelo (meteorológico) indicando 10°C acima da média”, afirma a meteorologista Estael Sias.

“O que está por trás é o El Niño, o aquecimento do Oceano Pacífico Equatorial, que bloqueia as chuvas no Sul do Brasil, enquanto o Centro-Oeste e o Sudeste fervem dentro dessa onda de calor persistente, completamente atípica”, diz ela. A previsão é de chuvas acima da média no Sul, entre SC e RS, e déficit de precipitação no Paraná, Sudeste e Centro-Oeste.

Hoje, a previsão é de avanço da chuva por Santa Catarina. A Climatempo considera que as áreas de perigo estão no centro-sul e no oeste do Estado. A perspectiva é de maior precipitação no entorno de Criciúma, Lages, Caçador, Xanxerê e Concórdia, e a Defesa Civil já enviou alerta de atenção.

MAIS RISCO À VISTA. Rio Grande do Sul e Santa Catarina podem ainda registrar casos de microexplosão atmosférica nos próximos dias, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). O fenômeno ocorre quando uma corrente de vento descendente violenta se separa de uma nuvem de tempestade e se desloca com força em direção ao solo.

O fenômeno é o oposto ao do tornado, quando os ventos em direção ao solo convergem, formando um redemoinho – em uma área inferior a quatro quilômetros, os ventos podem ser extremamente destrutivos, superando os 200 km/h. Mas o poder destrutivo é semelhante. Uma microexplosão já foi registrada no sábado em Santa Cruz do Sul (RS). Trata-se de mais uma situação atípica deste outono. Normalmente, elas ocorrem no verão, quando os dias são mais quentes e a umidade é alta, o que favorece a formação de nuvens de tempestade. ● COLABORAM: LEONARDO ZVARIK, ROBERTA JANSEN, RENATA OKUMURA, ITALO LO RE, LEON FERRARI E RARIANE COSTA

Integrada, sob coordenação do comandante militar do Sul, general Hertz Pires do Nascimento, para organizar as operações de resgate em todas as regiões atingidas. Entre outras ações, a rede estadual de Educação suspendeu as aulas.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO? O Rio Grande do Sul tem sofrido com uma série de eventos extremos nos últimos meses. Em setembro, ao menos 41 pessoas morreram após a passagem de um ciclone pelo Estado. Diversos especialistas ligam o maior número de eventos extremos em pouco tempo, sobretudo picos de calor, às mudanças climáticas.

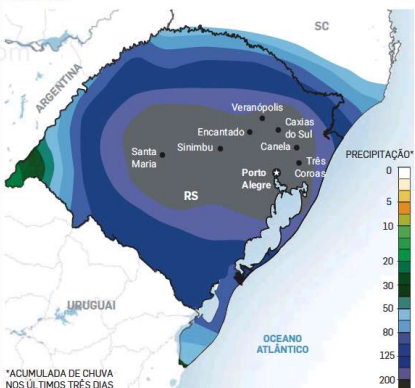
A situação sem precedente tem relação ainda com o calor histórico no Sudeste. A massa de ar quente que se estabeleceu na faixa central do País, explica a empresa Climatempo, criou uma espécie de “prisão” para a chuva nos Estados sulistas. Essa massa fica retida por causa de um “bloqueio atmosférico persistente”. Assim, “as frentes frias e os outros sistemas meteorológicos são amplificados, resultando na intensificação das precipitações na região”.

Esse bloqueio ainda se une a outros fatores, como o aqueci-

RIO GRANDE DO SUL DEBAIXO D'ÁGUA

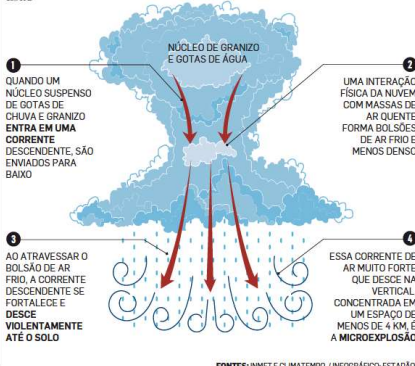
Pelo menos 154 municípios do Estado relataram danos provocados pelas chuvas

Onde foi



Microexplosão

Fenômeno pode atingir cidades do RS e SC nos próximos dias



FONTES: INMET E CLIMATEMPO / INFOGRÁFICO: ESTADO

'Levaram minha tia de cadeira de rodas para o 2º andar'

Mais de mil pessoas tiveram de deixar suas residências nas cidades de Taquara, Parobé e Três Coroas, no Vale do Paranhana. Bárbara Neubarth, de 74 anos, diz que a tia Alayde Volkart, de 99 anos, teve de ser socorrida às pressas em Três Coroas, a cem quilômetros da capital. “Ela tem duas cuidadoras, pois não consegue se locomover porque

depende de cadeira de rodas”, disse.

A idosa precisou ser levada às pressas ao segundo piso de casarão, que é centenário. “As cuidadoras nos ligaram desesperadas e avisaram que levaram minha tia para o segundo andar, com cadeira de rodas, colchões”, contou a sobrinha, que vive em Porto Alegre. “O primeiro andar inundou todo. A casa fica no centro, longe do rio. Essa foi a primeira vez que a água entrou na residência.” ●

Até hospital fecha com a cheia; Brigada Militar realiza resgate aéreo

O hospital de Três Coroas, a 100 km de Porto Alegre, foi interditado ontem. Imagens gravadas em vídeo mostram áreas da Fundação Hospitalar Dr. Osvaldo Diesel tomadas pela água. Funcionários tentam caminhar com a água batendo no joelho. Em uma das salas, as cadeiras estão praticamente submersas.

“Nunca vi nada igual. Muitos estragos na cidade, carros sendo levados pela correnteza, lojas alagadas e pessoas em cima dos telhados das casas pedindo socorro”, afirmou o prefeito Alcindo de Azevedo. De acordo com Azevedo, cerca de 90% do município foi tomado pelas águas do Rio Paranhana, inclusive a região central, onde fica a Fundação Hospitalar Dr. Osvaldo Diesel.

Na instituição, que foi alagada, com cerca de 1 metro de água, 30 pacientes que estavam internados na ala hospitalar tiveram de ser removidos, ainda pela manhã, para hospitais de outras cidades como Taquara, Parobé, São Francisco de Paula, Esteio e Sapiranga, no Vale dos Sinos – que também sofrem com as cheias.

RESGATE AÉREO. Um dos casos mais dramáticos ocorreu em Cruzeiro do Sul, no Vale do Rio Taquari. Um helicóptero da Brigada Militar estava prestes a resgatar duas pessoas no telhado de uma casa quase totalmente submersa. Quando ambas estão a ponto de ser içadas, o imóvel é arrastado pela água. Apenas uma é resgatada.

Ao longo do dia, governos de Estados como Santa Catarina e São Paulo, além da Força Aérea Brasileira (FAB), enviaram equipes para auxiliar nas buscas e no atendimento aos afetados. Também organizações, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), lançaram notas, pedindo auxílio. Em alguns municípios, a chuva intermitente superou os 400 milímetros. A precipitação sem trégua dificulta o socorro, como destacou o governo do Estado. ●

20 anos em relação à intensidade e à frequência dos fenômenos climáticos extremos. É inegável que eles já estão afetando o clima de maneira muito significativa e certamente, com o agravamento do aquecimento global, só vão aumentar em frequência e intensidade no futuro.

Continuaremos vendo mais fenômenos extremos nos próximos meses?

É impossível prever. O clima mudou tanto que os modelos climáticos que estavam programados para fazer previsões confiáveis há dez anos já perderam muito dessa capacidade. Nós estamos vivendo

num novo clima. Isso também é um ponto importante. Essencialmente, um novo clima cheio de ondas de calor e de chuvas muito intensas, que traz prejuízos socioeconômicos muito intensos e a única maneira de lidar com isso é reduzindo as emissões de gases do efeito estufa.

Há regiões que estão mais vulneráveis?

Agora temos cheias no Rio Grande do Sul, ondas de calor no Sudeste, tivemos secas e enchentes atípicas na Amazônia. Está acontecendo em todos os biomas. O Pantanal queimou dois anos seguidos, algo que nunca tinha se observado.

E o poder público?

Temos planos de adaptação mas que não são implementados. A questão da adaptação é que pode ser o mesmo problema, mas para São Paulo (a solução) é uma, para Porto Alegre é outra. A única solução é reduzir emissões de gases de efeito estufa. ● JULIANA DOMINGOS DE LIMA